

## TRABALHOS DE PESQUISAS

---

# EDUCAÇÃO SEXUAL DE ADOLESCENTES: EXPERIÊNCIA DE UM PROJETO DE EXTENSÃO NA UNIVERSIDADE

Renata Becker Jucá<sup>1</sup>; Almerindo Boff<sup>2</sup>; Daniela Teixeira Borges<sup>3</sup>; Fernanda Zanco dos Santos<sup>4</sup>; Lissiê Lunardi Sbroglio<sup>5</sup>; Luíza Augustin Müller<sup>6</sup>

## SEX EDUCATION FOR ADOLESCENTS: AN EXTENSION PROJECT EXPERIENCE

---

**Resumo:** O projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”, da Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), surgiu da necessidade de estudo e discussão do tema e, principalmente, pela demanda de pedidos de intervenção para orientação aos estudantes e professores em escolas locais. Por meio de questionário aplicado nas turmas atendidas pelo projeto durante os anos de 2011 a 2013, foram levantados dados referentes a comportamento e conhecimentos dos alunos sobre questões relacionadas à sexualidade, como puberdade, mudanças corporais, menarca, semenarca, masturbação, ereção, orgasmo, iniciação sexual e prazer nas relações. A experiência vivida ao longo da execução do projeto mostra o impacto positivo do envolvimento da universidade na educação sexual de adolescentes na comunidade, ao propiciar, também aos acadêmicos, a vivência desse trabalho como parte da formação universitária.

**Palavras-chave:** sexualidade; educação sexual; saúde sexual; relações comunidade-instituição

**Abstract:** The extension project “Sexual Education: forming networks of socialization” of the University of Santa Cruz do Sul (UNISC), arose from the need of study and discussion of the topic, and especially by the demand of requests for intervention in local schools, orientation for students and teachers. Through questionnaire in classes served by the project in the years 2011 to 2013, data on students’ behavior and knowledge about issues related to sexuality such as puberty, body changes, menarche, semenarche, masturbation, erection, orgasm, initiation were raised and pleasure in sexual relations. The experience over the project shows the positive impact of university involvement in the sex education of adolescents in the community, by providing also the academics, the experience of this work as part of university educations.

**Keywords:** sexuality; sex education; sexual health; community-institutional relationships

---

1. Médica ginecologista, docente na Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC), coordenadora do projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização” Email: rbjuca@gmail.com.

2. Médico psiquiatra, docente na UNISC, integrante do projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”.

3. Médica de família e comunidade, docente na UNISC, integrante do projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”.

4. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul.

5. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul.

6. Acadêmica do curso de Medicina da Universidade de Santa Cruz do Sul.

## Introdução

A preocupação com o desenvolvimento da educação sexual de crianças e adolescentes nas escolas vem crescendo mundialmente. Acompanha essa preocupação a ocorrência de gravidez precoce, doenças sexualmente transmissíveis, comportamento de risco e violência relacionada à sexualidade na adolescência.

Já no início da década de 1970, representantes de 20 países da América Latina e do Caribe reuniram-se para discutir o trabalho desenvolvido pelo United Nations Population Fund<sup>7</sup> e pela Swedish Authority for Development<sup>8</sup>, enfocando suas possíveis implicações para a região. Essas discussões culminaram na criação, em 1974, do Sex Education Regional Committee for Latin America and the Caribbean (CRESALC), com sede em Bogotá (CASTELO, 2013). Em 1990, diversas entidades internacionais reuniram-se em Jontiem (na Tailândia) para a Conferência Mundial de Educação para Todos, durante a qual estabeleceu-se o marco mundial para o planejamento das políticas educacionais nacionais. No Brasil, em 1997, a implementação dessas políticas educacionais foi determinada pelo estabelecimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). Estes constituem um conjunto de documentos que apresentam as propostas de estruturação curricular, contemplando entre elas a instituição da orientação sexual como um tema transversal, a fim de proporcionar conhecimentos para uma vivência sexual saudável (JACOMELI, 2007).

Segundo os PCNs, a sexualidade deve ser apresentada em todas as disciplinas transversalmente, conforme interesse e dúvidas do

aluno. Dessa forma, se reconhece a necessidade de desenvolver habilidades para falar no assunto, e a participação da escola tem sido exigida de forma marcante pela sociedade. No entanto, os professores devem estar capacitados e informados para esclarecer sobre a sexualidade, e esse trabalho deve ser feito de modo contínuo e permanente, por meio de contextos pedagógicos adequados, didáticas, reflexões e debate de ideias para formar uma educação preventiva, como lembram Moizés e Bueno (2010). Entretanto, ainda se observam muitas dificuldades na implementação do tema educação sexual nas escolas e o despreparo dos professores para abordar a sexualidade.

Algumas dessas dificuldades estão relacionadas a temores que, se assuntos referentes à sexualidade forem expostos, estudados e discutidos abertamente, os estudantes poderão ter despertada curiosidade indevida, desencadeando prematuramente estímulo para a prática sexual. Por outro lado, sabe-se que a falta de conhecimentos sobre sexualidade pode gerar precocidade da iniciação sexual, além de consequências como doenças sexualmente transmissíveis (DSTs), violência relacionada a comportamentos sexuais e gravidez na adolescência, a qual pode levar ao abandono escolar, prejuízo no futuro profissional, além do sofrimento individual e de alterações no ambiente familiar (GRANT, 1988). Essas ocorrências têm despertado preocupação entre os profissionais, como pode ser verificado em estudos, realizados no Brasil, que procuram estimar a magnitude dos problemas relacionados à gravidez e à violência na adolescência em suas comunidades (MACIEL, 2012; SOARES, LOPES, NJAINE, 2013).

Nesse contexto, pensou-se em realizar um projeto de extensão, concebido como processo

---

7. O United Nations Population Fund é um órgão subsidiário da Assembleia Geral das Nações que desempenha um papel único dentro do sistema das Nações Unidas: tratar de questões de população e desenvolvimento, com ênfase na saúde reprodutiva e igualdade de gênero.

8. A Agência Sueca para o Desenvolvimento Internacional (sueco: Styrelsen för Internationellt Utvecklingssamarbete, Sida) é uma agência governamental do Ministério dos Negócios Estrangeiros sueco. É responsável pela organização da maior parte da ajuda oficial ao desenvolvimento de países em desenvolvimento.

educativo, cultural e científico que articulasse o ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabilizasse a relação transformadora entre a universidade e a sociedade. A extensão permite estabelecer a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, tendo como consequência a produção de conhecimento, resultante do confronto com a realidade brasileira e regional, a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da universidade (NOGUEIRA, 2000).

O projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização”, desenvolvido na Universidade de Santa Cruz do Sul desde 2011, surgiu da necessidade de estudo e discussão de temas voltados à sexualidade humana, buscando a compreensão da realidade vivida no meio socioeducacional, a troca de saberes e propostas de ações, auxiliando, desta forma, docentes do Ensino Superior, da Educação Básica e acadêmicos em sua prática pedagógica e no estudo de temas ligados à sexualidade.

O projeto objetivou ir além de atender pedidos de intervenções pontuais meramente paliativas na transmissão de conhecimentos nas escolas, buscando medidas que possibilitem o diálogo, a compreensão e a escuta de maneira continuada, formando redes de apoio e discussão dentro da universidade, das escolas e da comunidade.

Dessa forma, o trabalho de educação sexual na escola, desenvolvido pelo grupo de bolsistas do projeto de extensão, foi proposto para a promoção da saúde dos adolescentes. Além disso, teve como objetivo proporcionar maior conhecimento e fornecer orientações embasadas cientificamente sobre o tema, buscando motivar esses adolescentes à autopercepção sobre a sua sexualidade, ampliando os conhecimentos a respeito dos cuidados preventivos.

O presente artigo versa acerca do trabalho realizado por este projeto, que busca aproximar-se dos adolescentes por ele beneficiados no esforço

de compreender quem são estes sujeitos, bem como a maneira como os mesmos vivenciam o aprendizado da sexualidade. Ao mesmo tempo em que se propôs a atividade de orientação em educação sexual, foi aplicado um questionário com objetivo de levantar dados referentes aos conhecimentos e ao comportamento dos alunos sobre questões relacionadas à sexualidade, como parte da proposta pedagógica. Estruturou-se, assim, um projeto objetivando abarcar três frentes avaliadas como essenciais para a construção de um trabalho efetivo na saúde sexual: professores, seus alunos de escolas da região e acadêmicos da Unisc (BOFF, 2013).

## **Metodologia**

### **Procedimentos**

O projeto de extensão “Educação sexual: formando redes de socialização” foi previamente aprovado pela pró-reitoria de extensão da Universidade, atendendo aos critérios da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde do Ministério da Saúde.

O projeto foi desenvolvido por professores universitários e bolsistas selecionados entre vários cursos como enfermagem, psicologia, biologia, medicina, visando a formação de uma equipe multidisciplinar com o intuito de formação acadêmica inter e transdisciplinar. Os acadêmicos participaram de um curso de formação e treinamento em sexualidade humana e capacitação pedagógica para o desenvolvimento das ações nas escolas.

Antes do início das atividades na escola, pais e professores foram convidados a participar de uma reunião de esclarecimento e informação a respeito da importância de trabalhar o tema da sexualidade com os adolescentes, bem como das atividades a serem desenvolvidas pelo projeto. Para as ações na escola, os acadêmicos realizaram, em cada turma, seis a oito encontros, variando conforme a demanda por explicações, durante o período de aula, acompanhados algumas

vezes pela professora da disciplina. Foram utilizadas metodologias ativas e participativas para a exposição dos temas propostos.

### **Participantes**

O projeto de educação sexual desenvolveu atividades em escolas de Ensino Fundamental de Santa Cruz do Sul, RS, no período de 2011 a 2013. As atividades foram realizadas com 136 alunos das turmas de 5ª, 6ª e 8ª série, em três escolas: duas estaduais (76%) e uma particular (24%); com adolescentes entre 11 e 17 anos (média de idade de 13 anos). A maioria desses estudantes era do sexo masculino (51,5%). Do total de alunos, 47% cursavam a oitava série, 38% cursavam a quinta série e o restante cursava a sexta série.

### **Instrumentos**

As atividades com todas as turmas tiveram uma estrutura predefinida, referentes aos assuntos fisiologia da puberdade, anatomia e fisiologia da resposta sexual, gravidez e métodos anticoncepcionais, DSTs, namoro e relacionamentos, e diversidade sexual. Durante os encontros com as turmas, as bolsistas utilizaram metodologias ativas para a exposição dos temas propostos, com a realização de dinâmicas variadas a fim de que houvesse maior interação com os alunos, possibilitando a formação de um vínculo para que seus questionamentos fossem esclarecidos.

No primeiro encontro, para verificar os conhecimentos prévios dos alunos sobre os aspectos que envolvem a Sexualidade (puberdade, iniciação sexual, orgasmo, entre outros), foi aplicado um questionário contendo 36 questões fechadas, elaboradas pelo grupo do projeto de extensão (Questionário 1). No encontro subsequente, que assumiu o tema Anatomia, foi solicitado aos alunos que, em duplas, desenhassem a genitália externa masculina e feminina, no início do encontro, a fim de verificar o quanto os adolescentes tinham conhecimento sobre o seu próprio corpo e o do sexo oposto. Após, foram mostrados imagens

das genitálias masculina e feminina, explicando as mudanças que ocorrem com o decorrer da puberdade, bem com as ilustrações das características sexuais secundárias, como, por exemplo, o crescimento das mamas nas meninas, aparecimento de pelos axilares, alteração da voz nos meninos.

O encontro seguinte foi destinado a esclarecimentos sobre relação sexual, gravidez e métodos anticoncepcionais, e também a responder às dúvidas dos alunos sobre esses assuntos, dentre as quais citamos: “Com quantos anos é aconselhável perder a virgindade?”; “No começo do namoro é normal fazer sexo?” e “Com quanto tempo de namoro é aconselhável fazer sexo?”; “Quando se perde a virgindade sangra muito?; A dor é psicológica?”; “É melhor ir no ginecologista antes ou depois da primeira vez?”; “Quais são os tipos de camisinha?”; “Sempre tem que tomar anticoncepcional depois de ter relações sexuais?”; “Pode tomar pílula do dia seguinte uma semana depois? Vai fazer o mesmo efeito?”; “Se masturbar em excesso causa algum problema? Quais?”; entre outras questões.

Em outro dia de atividades, foi realizada uma dinâmica com o intuito de ressaltar a importância do uso do preservativo para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). A dinâmica consistiu em distribuição aleatória de papéis para os alunos contendo um sinal de positivo, outros com um círculo e outros apenas o papel em branco. Após, os alunos foram estimulados a estabelecer alguma forma de contato entre eles, como um abraço ou aperto de mão. A seguir, foi solicitado aos alunos que olhassem o que havia em seus papéis e foi explicado o significado de cada símbolo, sendo o sinal de positivo, portador do vírus da imunodeficiência humana (HIV), o círculo, indicando o uso de preservativo e o papel em branco apontando a ausência do uso do preservativo e, desta forma, a contaminação com o HIV após o contato com os portadores do vírus. Ao serem informados sobre isso, foi possível observar

a reação de espanto de cada um deles: foram questionados a respeito do que estavam sentindo/pensando naquele momento. O sentimento de revolta sentido pelos que foram “contaminados”; a culpa do que tinha contaminado os outros, e a sensação de alívio dos que tinham o sinal de ter usado o preservativo foi notada de forma marcante. Essa foi uma forma de sensibilização para despertar sentimentos e provocar consciência para desenvolver a prevenção. Ao final da dinâmica, foi frisada a importância de usar preservativo para prevenção de DSTs, pois não é possível saber quem está e quem não está infectado, a não ser que a pessoa relate. Além disso, foi explicado que aquela era apenas uma dinâmica, e que o contato daquela forma como haviam estabelecido não transmitia o vírus. Foi frisado que para a transmissão ocorrer era necessário contato sexual sem o uso de preservativo ou através de sangue. Foi oportunizado conhecimento da diferença entre os preservativos masculinos, além da atividade prática de colocação do preservativo masculino em moldes anatômicos.

O próximo assunto discutido foi diversidade sexual, com esclarecimentos sobre a diferença entre sexo e gênero. Após, conversou-se sobre atitudes e atividades que são social e culturalmente atribuídas ao sexo masculino ou ao sexo feminino. Também propiciado o diálogo sobre as diferentes orientações sexuais, ressaltando-se a importância de respeitar as escolhas e orientação afetiva e sexual de cada indivíduo, advertindo-se sobre o preconceito e a homofobia.

No último encontro, foi realizada a dinâmica de “Mitos e verdades”, com frases relacionadas aos assuntos trabalhados nos encontros anteriores, objetivando verificar a efetividade da atividade do projeto, além de frisar aspectos relevantes para uma vivência sexual saudável, esclarecendo eventuais dúvidas. Nesse dia também foi aplicado o questionário final destinado a uma avaliação dos alunos acerca da atividade realizada pelas acadêmicas, respondido sem necessidade de

identificação, e continha cinco questões, duas fechadas e três abertas (Questionário 2).

Os dados dos questionários aplicados durante as atividades na escola foram analisados, alguns dos quais são discutidos a seguir.

## **Resultados e discussão**

### **Dados do Questionário 1**

Em relação aos dados sócio-demográficos, quanto à idade dos pais, a média foi de 44 anos, variando entre 30 e 78 anos; a média de idade das mães foi de 40 anos, variando entre 29 e 60 anos. Dos estudantes entrevistados, 53,7% afirmaram morar com pais e irmãos, 21,3% moravam com pai ou mãe, e 14% com outros familiares. Com base nesses dados, observa-se que um número significativo não vive em uma família nuclear tradicional formada por pai, mãe e irmãos.

Conforme o estudo de Pratta e Santos (2007), a família tem um papel fundamental na constituição dos indivíduos, sendo importante na organização da personalidade e no comportamento individual. Com o decorrer dos anos, houve uma mudança significativa da instituição familiar “família tradicional”, o que foi também observado no presente estudo.

Atualmente, além das preocupações gerais dos pais com a questão da adolescência dos filhos, existem dois grandes problemas que vêm afligindo os adultos: a iniciação sexual cada vez mais precoce e a ameaça da drogadição. Estudos de avaliação da situação familiar no processo da adolescência ainda são escassos, principalmente no que se refere à exploração de temas complexos, como sexualidade e consumo de drogas (PRATTA, SANTOS, 2007).

Quando questionados sobre se falavam ou não de sexo, 60% afirmaram que falavam, e a pessoa mais procurada para tratar sobre esse assunto era um amigo (36%), seguido da mãe e do namorado ou namorada (11,8% e 4,4% respectivamente). Percebe-se que 40% dos adolescentes afirmaram

não falar sobre sexo, o que sugere imaturidade ou permanência desses na fase infantil ou, ainda, a compreensão desse assunto como um tabu dentro da estrutura familiar.

Em concordância com esses dados, Borges, Nichiata e Schor (2006), ao analisar com quem os adolescentes conversavam com maior frequência sobre sexo, encontraram os amigos em primeiro lugar, com variação da segunda e terceira posição entre homens e mulheres. Para os primeiros, a segunda posição era com pais e mães e a terceira com ninguém; já para as mulheres, eram outros familiares e pais e mães, respectivamente. Muitas vezes os adolescentes optam pela reclusão do ambiente familiar e elegem buscar informações em outros meios. Em decorrência disso, é fundamental que a família preste atenção ao seu filho e estabeleça diálogo, relações de respeito e afeto, possibilitando aos jovens o exercício da confiança em seus pais.

Segundo Gomes et al (2002), com grande frequência o adolescente recebe informações sobre saúde e sexualidade de amigos ou de pessoas pouco preparadas para essa função, sendo que os assuntos abordados na maioria das vezes são DSTs e AIDS. Porém, a sexualidade envolve questões que transcendem o biológico, e os adolescentes acabam não entendendo as mudanças também psicossociais pelas quais passam.

Conforme Vonk, Bonan e Silva (2013) e Romero et al (2007), os adolescentes obtêm suas informações sobre sexualidade com mães e/ou pais, ao contrário dos resultados encontrados no questionário aplicado. Segundo Grossman et al (2013), o diálogo sobre sexualidade entre os adolescentes e seus pais é capaz de postergar a primeira relação sexual.

De acordo com Rodrigues (2000),

a hora de transar, que parece ser um tanto quanto especial na vida dos adolescentes, torna obrigatório que pais e filhos tomem algumas providências. Essas providências são fruto de uma época em

que a conduta sexual das pessoas, sejam elas crianças, adolescentes ou adultos, deve passar por transformações desde a sua concepção até a sua operacionalização, resgatando valores como o respeito próprio. [...] O sexo deve ser encarado como um produto final do encontro de intimidade entre duas pessoas, e não como produto de uma atitude, às vezes precipitada, inconsequente, beirando a promiscuidade, fruto do acaso, da desinformação e do proibido que vira modismo.

A mídia, por sua vez, propaga a erotização do adolescente, estimulando a precocidade da iniciação sexual e sua banalização, tornando-se necessário falar adequadamente sobre temas como sexualidade e sexo para a população, visando a saúde sexual. A ausência de informações e de domínio das práticas contraceptivas, por exemplo, podem resultar em gravidez não desejada (MOIZÉS, BUENO, 2010).

Diante de tais problemas, Gomes et al (2002) refere que a escola é apontada pelos jovens como o local mais adequado de preparação para a vida em sociedade, sendo que é responsabilidade do sistema escolar promover a educação integral da criança e do adolescente, além de discutir a sexualidade de maneira voltada à educação sexual. O apelo na mídia não tem sido suficiente para que os adolescentes adotem o sexo seguro, e a ausência de uma educação sexual mais aprofundada é provavelmente um dos motivos para essa falta de adesão.

Ao serem questionados se sabiam ou não sobre assuntos referentes à sexualidade, os resultados variaram de acordo com a Tabela 1. Com relação a isso, pode-se observar que quase metade dos alunos questionados não sabia o que é puberdade, assim como grande parcela dos alunos não sabia sobre as mudanças corporais características dessa fase. Vários estudos abordam a questão do conhecimento dos adolescentes sobre os assuntos relacionados à sexualidade, como DSTs, métodos contraceptivos, mudanças

que acontecem no corpo, entre outros (ROMERO et al, 2007; THEOBALD et al, 2012).

Resultados que também evidenciaram a falta de conhecimento sobre a puberdade e suas mudanças foram encontradas por Camargo e Ferrari (2009), em que, quando questionados sobre a localização do clitóris, 77,9% dos alunos não souberam responder; e no mesmo estudo apenas 28,2% responderam corretamente o período do mês em que a mulher pode engravidar; sendo que ambas as respostas foram anteriores às oficinas de prevenção realizadas em associação ao estudo. Quando a pergunta foi sobre masturbação, 61,8% dos alunos responderam que sabiam o que era masturbação. Dados semelhantes foram encontrados por Maia (1998), em que, em um questionário aplicado apenas em adolescentes do sexo feminino, somente 58% demonstraram saber o que é masturbação. Chama a atenção que grande percentagem (42%) de adolescentes femininas não sabem o que é masturbação, o que aponta para um desconhecimento importante para desenvolvimento de atividade sexual.

Interessante notar que os adolescentes não possuem conhecimentos sobre o corpo e suas transformações, no entanto, referem saber sobre comportamento e atividade sexual. Isso é próprio desta faixa etária, para a qual interessa saber o que fazer com os estímulos sexuais percebidos, como a masturbação, embora não apresentem entendimento sobre como as mudanças corporais sexuais acontecem na puberdade, conforme pode ser visto na Tabela 1.

Quando interrogados sobre a prática sexual, apenas 15 (11%) afirmaram já ter tido relação sexual, variando a idade da iniciação sexual entre os 11 e 15 anos, com média de 13,4 anos. Alguns estudos, realizados no decorrer dos anos, apontaram a tendência à ocorrência da iniciação sexual mais cedo e também sugeriram que é comum haver diferença na idade de início da prática sexual entre homens e mulheres. De acordo com Borges e Schor (2005), no ano de 1984, a idade de iniciação

sexual entre homens e mulheres de 16 a 19 anos foi de 15,3 anos para os homens e de 16 anos para as mulheres. Em um trabalho publicado em 1998, esses números decaíram para 14,5 e 15,2, respectivamente. Na pesquisa realizada por Borges e Schor (2005), a primeira relação sexual ocorreu em média aos 15,3 anos de idade, tendo como amostra uma população de 406 jovens entre 15-19 anos. Através dos dados obtidos pelo questionário aplicado neste projeto de educação sexual, a média da idade da primeira relação sexual foi mais cedo (13,4 anos), e uma das razões para isso pode ser o fato de a amostra utilizada pertencer à faixa etária de 11 a 17 anos.

Outro estudo que demonstrou a tendência à precocidade da iniciação sexual pela relação sexual foi o de Romero et al (2007), o qual constatou que, em estudos nos anos 1990, a média de idade da primeira relação sexual do sexo feminino era de 16 anos, e que 70% das adolescentes com 19 anos tiveram pelo menos uma relação sexual. Em 2000, no Brasil, a média de idade da primeira relação sexual em meninas foi de 15 anos.

O estudo brasileiro de Paiva et al (2008) também analisou a idade da iniciação sexual no ano de 2005 e constatou que a média de iniciação sexual foi de 14,9 anos, em uma amostra de jovens de 16 a 19 anos. Além disso, esse trabalho também realizou um comparativo com a média de idade da primeira relação sexual em 1998, demonstrando que essa média vinha mantendo-se estável entre jovens dessa faixa etária. Com relação ao gênero, Borges e Schor (2005), ao analisar a média de idade de iniciação sexual, não encontraram diferença estatisticamente significativa entre os gêneros.

Segundo a análise realizada pelo projeto de extensão, a média da idade da iniciação sexual entre os meninos foi de 13,09 anos e entre as meninas foi de 14,25 anos. Os dados analisados, assim como os referentes ao trabalho de Gubert e Madureira (2008), mostram que a idade de iniciação sexual masculina apresenta-se inferior à média nacional, que é de 15 anos. Em relação ao gênero,

percebeu-se que a proporção de adolescentes do sexo masculino que já tiveram relações é maior em relação ao sexo feminino. Isso pode estar relacionado, segundo Gubert e Madureira (2008), a aspectos ligados ao gênero, presentes na constituição da masculinidade, que estimulam o homem ao início precoce da vida sexual.

Quanto ao prazer na relação sexual relacionado ao gênero, os resultados variaram conforme a Tabela 2. Percebeu-se que houve dificuldade na compreensão da expressão: “prazer nas relações”. Verifica-se que apesar de apenas 15 jovens terem tido relação sexual, 22 responderam a essa questão, a qual era direcionada exclusivamente aos alunos que já haviam iniciado a vida sexual. Com isso, algumas hipóteses podem ser feitas, entre elas, a de que os estudantes nessa faixa etária ainda não possuem o conhecimento necessário para respondê-la. Pode também tratar-se de uma limitação decorrente da construção do questionário, que não discriminou entre prazer genital e não genital, presentes nos relacionamentos afetivo e ou sexual.

Relacionando a idade com a menarca e a semenarca, os dados obtidos constam na Tabela 3. Observa-se que a maioria dos alunos já tiveram menarca ou semenarca, sendo que a faixa de idade entre 13 e 14 anos foi a de maior ocorrência para ambos os sexos. A média de idade de menarca foi de 13,4 anos e de semenarca de 13,5 anos (Tabela 3)

#### **b) Avaliação da atividade na escola**

Com base no questionário aplicado no último dia de atividades na escola, foi possível fazer uma avaliação acerca da intervenção do projeto de extensão junto aos adolescentes, tomando por base os depoimentos de uma parte das turmas. Para a primeira pergunta (Conseguimos responder suas dúvidas?), 83,88% dos alunos responderam sim, 3,22% responderam não e 12,90%, mais ou menos. Consideramos o resultado muito positivo, já que a grande maioria dos adolescentes conseguiu

esclarecer suas dúvidas a respeito dos assuntos que envolvem a sexualidade, demonstrando benefício com a realização da atividade.

Com relação aos temas de maior interesse, 32,25% responderam que todos os temas foram interessantes; 32,25% argumentaram que sexo, gravidez e métodos contraceptivos foram os assuntos que despertaram maior interesse; 19,35%, 9,7% e 6,45% declararam ser masturbação, fisiologia e anatomia masculina e feminina, e mitos e verdades os temas mais interessantes, respectivamente. Sabe-se que os temas que mais despertam interesse são os relacionados à atividade sexual. Uma hipótese que pode explicar isso consiste no fato de os adolescentes nessa faixa etária estarem passando por um momento de muitas dúvidas quanto à atividade sexual, em que escutam opiniões diversas de colegas e também se informam por meio da mídia. Por esse motivo, necessitam de uma pessoa, pais ou escola, que lhes esclareça como é realizado o sexo, os cuidados necessários nessa relação e as consequências possíveis, como gravidez, no caso de não ser usado método contraceptivo. Pode-se inferir, também, que o tema fisiologia e anatomia masculina apresentou menor curiosidade por ser parte do currículo da sétima série nas aulas de ciência, e os alunos já terem visto.

Em relação a se restaram dúvidas, 93,55% afirmaram que não, enquanto 6,45% alegaram restar dúvidas, dentre elas: “Por que a mídia é tão machista?”; “É normal atrasar a menstruação?”; “É possível engravidar com sexo oral?”. Embora no decorrer das atividades na escola, as acadêmicas do projeto tenham trabalhado acerca desses assuntos, é possível perceber que alguns aspectos não foram fixados pelos alunos, o que aponta para a importância de uma atividade continuada, especialmente pelos professores que estão presentes durante os períodos escolares.

Quanto à classificação da atividade em “boa”, “média” e “ruim”, a maioria (90,32%) respondeu que foi “boa” e 9,68%, “média”. Isso

nos indicou uma manifestação de agrado e aprovação por parte dos adolescentes. Observa-se frequentemente que, quando alunos são convidados para uma atividade de aprendizado extraclasse, muitos não comparecem, por uma possível falta de interesse ou comprometimento. Entretanto, embora tenha sido uma atividade realizada durante o período de aula, e não extraclasse, os alunos poderiam ou não optar por participar dos encontros. Contudo, todos os adolescentes participaram e demonstraram interesse nas atividades e em esclarecer suas dúvidas. Além disso, percebemos muito interesse em que o projeto continuasse.

Com a última questão, sobre elogios, críticas e sugestões, foi possível perceber a demonstração de aceitação e relevância das atividades realizadas, ratificando as respostas da questão anterior. Destacam-se os seguintes comentários: “Gostei bastante dos encontros, pois consegui tirar dúvidas que às vezes eu não tinha coragem de perguntar aos meus pais. [...]”; “é um ótimo projeto, pois os adolescentes precisam ficar sabendo como é o seu corpo e os riscos que correm.”; “Foi ótimo escutar vocês conversando com nós sobre aqueles assuntos complicados de se dialogar.”; “Acho que todos aprenderam muito mais sobre sexualidade. E acho que ninguém teve vergonha de perguntar ou de falar alguma coisa. Foi divertido, engraçado e bem conveniente. Tenho certeza que o que eu aprendi vou levar para vida toda.”; “Muito legal o trabalho de vocês, fiquei mais informado sobre esse assunto, quem sai ganhando somos nós, pois quando tivermos nossa primeira relação sexual saberemos os riscos que corremos e nos protegeremos.”

Conforme a experiência vivenciada nos encontros, percebeu-se a importância de ter um espaço para a discussão de sexualidade que forneça informações seguras, propondo discutir e refletir sobre o assunto com maior liberdade, o que muitas vezes não acontece no convívio com pais ou professores. Com a realização do questionário foi possível avaliar a metodologia e relevância deste

trabalho, demonstrando que os alunos tiveram interesse em conversar sobre sexualidade e que o julgamento deles sobre a atividade foi positivo. Outrossim, percebeu-se que restaram dúvidas, e isso sugere mais uma vez a necessidade de mais tempo e continuidade deste trabalho na escola, bem como de maior envolvimento dos professores.

### **Considerações finais**

Ao analisarmos a realização desse projeto de extensão lidando com essa faixa etária, percebe-se a importância do trabalho, uma vez que a adolescência é uma etapa da vida na qual a personalidade está em fase final de estruturação e a sexualidade faz parte desse processo, principalmente como um elemento estruturador da identidade do adolescente, conforme Osório (1989).

O efeito do trabalho educacional com consequente resultado de prevenção, realizado com metodologia participativa para adolescentes, é de difícil mensuração, já que envolve a influência de características regionais, religiosas e culturais, as quais devem ser consideradas ao se avaliar a eficácia de programas de educação sexual. Ao mesmo tempo, percebe-se as manifestações dos adolescentes, que se mostraram muito interessados e querendo saber mais, o que indica a conveniência da continuação do trabalho educacional envolvendo a coparticipação de profissionais da saúde e da educação. Mesmo que resultados do trabalho não se mostrem em curto prazo, é preciso acreditar e continuar para que as pessoas sejam mais saudáveis e felizes sexualmente, como diz Vitiello (1997). Pretende-se que este estudo possa instigar a busca por metodologias eficazes para a orientação dos adolescentes para uma vivência saudável da sexualidade.

Este projeto de extensão universitária mostra a importância do desenvolvimento do estudo da sexualidade no meio acadêmico por um melhor preparo dos profissionais em formação, ao lidar com assuntos relacionados ao tema. A

universidade pode e deve se tornar um instrumento de incentivo à utilização de recursos inovadores para a busca de uma atuação pedagógica eficiente na escola. Ao lado da formação dos acadêmicos, o projeto possibilita a ação na escola e a aplicação dinâmica dos conhecimentos no contato direto com os adolescentes. Concluindo, sabemos que a educação sexual exige capacitação com continuidade. Sem isso, todos os projetos estarão fadados ao insucesso.

## Referências

- BOFF, A.; JUSTEN, A. P.; DEUFEL, C.; CAUDURO, P. B. Projeto de extensão Educação Sexual: formando redes de socialização. In: Menezes, A. L. T.; Helfer, C. L. L. (org.) *Ensino e extensão: formação e socialização do conhecimento*. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2013. Disponível em: < <http://www.unisc.br/edunisc> > Ebook.
- BORGES, A. L. V.; SCHOR, N. Início da vida sexual na adolescência e relações de gênero: um estudo transversal em São Paulo, Brasil, 2002, *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 2, p. 499-507, mar.-abr. 2005.
- BORGES, A.L.V.; NICHATA, L.Y.I.; SCHOR, N. Conversando sobre sexo: a rede sociofamiliar como base de promoção da saúde sexual e reprodutiva de adolescentes. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*, v. 14, n. 3, p. 422-427, maio-jun. 2006.
- CAMARGO, E.A.I.; FERRARI, R.A.P. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3. maio-jun. 2009.
- CASTELO, R. R. History of sexual education in Latin America. The Journal of Sexual Medicine. In: Congresso of the World Association for Sexual Health, 21., Porto Alegre, 2013. *Anais*. Porto Alegre: World Association for Sexual Health, 2013. p. 277-297.
- GOMES, W.deA.; COSTA, M. C. O.; SOBRINHO, C. L. N.; SANTOS, C. A. S. T.; BACELAR, E. B. Nível de informação sobre adolescência, puberdade e sexualidade entre adolescentes. *Jornal de Pediatria*, Porto Alegre, v. 78, n. 4, p.302-308, maio 2002.
- GRANT, L. M.; DEMETRIOU, E. Adolescent sexuality. *Pediatr. Clin. North Am.*, 1988.
- GROSSMAN, J. M.; FRYE, A.; CHARMARAMAN, L.; ERKUT, S. Family homework and school-based sex education: delaying early adolescents' sexual behavior. *Journal of School Health*, 2013.
- GUBERT, D.; MADUREIRA, V.S.F. Iniciação sexual de homens adolescentes. *Ciência & Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro, v. 13, dez. 2008.
- JACOMELI, M. R. M. *PCNs e temas transversais: análise histórica das políticas educacionais brasileiras*. Campinas: Alínea, 2007.
- MACIEL, S. S. S. V.; MACIEL, W.V.; OLIVEIRA, A. G. de L.; SOBRAL, L.de V.; SOBRAL, H. de V.; CARVALHO, E. S. de; SILVA, A. K. de S. Epidemiologia da gravidez na adolescência no município de Caruaru, Pernambuco. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 46-50, jan.-mar. 2012.
- MAIA, A. C. B. Informações sobre temas relativos à sexualidade em um grupo de adolescentes de uma escola pública de Bauru-SP. *Revista Mimesis*, Bauru, v. 19, n. 1, p. 41-58, 1998.
- MOIZÉS, J. S.; BUENO, S. M. V. Compreensão sobre sexualidade e sexo nas escolas segundo professores do ensino fundamental. *Revista da Escola de Enfermagem da Universidade de São*

Paulo, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 205-212, 2010.

NOGUEIRA, M.D.P. *Extensão universitária: diretrizes conceituais e políticas*. Belo Horizonte: PROEX/UFMG, 2000. 194 p.

OSÓRIO, L. C. *Adolescência hoje*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.

PAIVA, V.; CALAZANS, G.; VENTURI, G.; DIAS, R. Idade e uso de preservativo na iniciação sexual de adolescentes brasileiros. *Revista de Saúde Pública*. São Paulo, v. 42, n. 1, jun. 2008.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, maio-ago. 2007.

RODRIGUES, D. *O adolescente hoje*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 2000.

ROMERO, K. T.; MEDEIROS, É. H. G. R.; VITALE, M. S. S.; WEHBA, J. O conhecimento das adolescentes sobre questões relacionadas ao sexo. *Revista da Associação Médica Brasileira*, São Paulo, v. 53, n. 1 jan.-fev. 2007.

SOARES, J. dos S. F.; LOPES, M. J. M.; NJAINE, K. Violência nos relacionamentos afetivo-sexuais entre adolescentes de Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil: busca de ajuda e rede de apoio. *Caderno de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 29, n. 6, jun. 2013.

THEOBALD, V. D.; NADER, S. S.; PEREIRA, D. N.; GERHARDT, C. R.; OLIVEIRA, F. J. M. A universidade inserida na comunidade: conhecimentos, atitudes e comportamentos de adolescentes de uma escola pública frente a doenças sexualmente transmissíveis. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 56, n. 1, p. 26-31, jan.-mar. 2012.

VITIELLO, N. *Sexualidade: quem educa o educador*. São Paulo: Iglu, 1997.

VONK, A. C. R. P.; BONAN, C.; SILVA, K. S. d. Sexualidade, reprodução e saúde: experiências de adolescentes que vivem em município do interior de pequeno porte. *Ciência & Saúde Coletiva*, v. 18, n. 6, p. 1795-1807, 2013.

### **Bibliografia consultada**

CAVAZOS-REHG, P. A.; KRAUSS, M. J.; SPITZNAGEL, E. L.; IGUCHI, M.; SCHOOTMAN, M.; COTTLER, L.; GRUCZA, R. A.; BIERUT, L. J. Associations between sexuality education in schools and adolescent birthrates: a state-level longitudinal model. *Archives of Pediatrics & Adolescent Medicine*, v. 166, n. 2, p. 134-140, 2012.

CERVANTES, G. V.; JORNADA, L. K.; TREVISOL, F. S. Perfil epidemiológico das vítimas de violência notificadas pela 20ª Gerência Regional de Saúde de Tubarão, Santa Catarina. *Revista da AMRIGS*, Porto Alegre, v. 56, n. 4, p. 325-229, out.-dez. 2012.

TORNIS, N. H. M.; LINO, A. I. de A.; SANTOS, M. A. M. dos; LOPES, C. L. R.; BARBOSA, M. A.; SIQUEIRA, K. M. Sexualidade e Anticoncepção: O Conhecimento do Escolar/Adolescente. *Revista Eletrônica de Enfermagem*, v. 7, n. 3, p. 344-350, 2005. Disponível em: <<https://www.revistas.ufg.br/index.php/fen/article/view/898/1089>>. Acesso em: set. 2013.

## ANEXOS

## QUESTIONÁRIO 1

**Instrumento para avaliação sobre sexualidade na escola destinado aos ALUNOS**

Entrevistador ou coletador: \_\_\_\_\_

Questionário n°: \_\_\_\_\_

**Parte 1: Dados de identificação**

1. Qual sua data de nascimento? \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_\_.
2. Qual seu sexo? ( 1 ) masculino ( 2 ) feminino
3. Em que série você está? \_\_\_\_\_
4. Marque quem mora com você?  
( ) pais ( ) irmão(s) ( ) avós ( ) outros, quem? \_\_\_\_\_
8. Qual a idade de seu pai? \_\_\_\_\_ anos
9. Quantos anos seu pai estudou? \_\_\_\_\_ anos
10. Em que o seu pai trabalha? \_\_\_\_\_
11. Qual é a idade de sua mãe? \_\_\_\_\_ anos
12. Quantos anos sua mãe estudou? \_\_\_\_\_ anos
13. Em que sua mãe trabalha? \_\_\_\_\_

**Parte 2: Vamos conversar sobre seu corpo...**

18. Você fala sobre sexo? ( 1 ) não ( 2 ) sim
19. Se sim, com quem você fala sobre sexo?  
( 1 ) amigo(a) ( 2 ) namorado(a) ( 3 ) professor(a) ( 4 ) pai ( 5 ) mãe ( 6 ) médico ( 7 ) outro: \_\_\_\_\_
20. Você sabe o que é puberdade? ( 1 ) não ( 2 ) sim
21. Você sabe quais as mudanças ocorrem no seu corpo? ( 1 ) não ( 2 ) sim
22. Se você é menina, já menstruou? ( 1 ) não ( 2 ) sim
23. Se você é menina e respondeu "sim", com que idade menstruou pela primeira vez? \_\_\_\_\_ anos.
24. Se você é menino, já eliminou sêmen (já teve ejaculação)? ( 1 ) não ( 2 ) sim
25. Se você é menino e respondeu "sim", com que idade isso aconteceu pela primeira vez? \_\_\_\_\_ anos.

**Parte 4: Vamos ver se você sabe como seu corpo funciona...**

25. Você sabe o que é masturbação? ( 1 ) não ( 2 ) sim ( 3 ) mais ou menos
26. Você se masturba? ( 1 ) não ( 2 ) sim, sempre ( 3 ) sim, às vezes
28. Quantas vezes: \_\_\_\_ semana \_\_\_\_ mês
29. Você sabe o que é ereção? ( 1 ) não ( 2 ) sim ( 3 ) mais ou menos
30. Você sabe o que é orgasmo? ( 1 ) não ( 2 ) sim ( 3 ) mais ou menos

**Parte 5: Vamos falar de relacionamento sexual...**

31. Você sabe o que é relação sexual? ( 1 ) não ( 2 ) sim
32. Você acha que precisa casar para fazer sexo? ( 1 ) não ( 2 ) sim

33. Você já teve relação sexual? ( 1 ) não ( 2 ) sim  
34. Se você respondeu “sim”, com que idade você teve a primeira relação sexual? \_\_\_\_\_ anos.  
36. Você sente prazer nas relações sexuais? ( 1 ) sempre ( 2 ) às vezes ( 3 ) nunca

### Parte 6: Questões abertas: o que você tem curiosidade em saber?

Sobre quais desses assuntos, relacionados à sexualidade, você gostaria de saber mais? Marque apenas três!

- ( 1 ) anatomia humana (diferenças anatômicas no corpo de homens e mulheres)  
( 2 ) menstruação e ejaculação  
( 3 ) homossexualidade, diferença de gêneros  
( 4 ) gravidez e métodos anticoncepcionais  
( 5 ) alterações no corpo provocadas pela puberdade  
( 6 ) relação sexual  
( 7 ) doenças sexualmente transmissíveis  
( 8 ) “o ficar”, iniciação sexual  
( 9 ) namorar, o relacionamento afetivo  
( 10 ) projeto de vida  
( 11 ) outro: \_\_\_\_\_

## QUESTIONÁRIO 2

### Questionário de avaliação do projeto de educação sexual

1) Conseguimos responder suas dúvidas?

SIM ( ) NÃO ( ) MAIS OU MENOS ( )

2) Qual foi o tema que mais te interessou?

-----  
-----

3) Restaram dúvidas? Quais?

-----  
-----

4) Atividade foi

BOA ( ) MEDIA ( ) RUIM ( )

5) Escreva sua crítica, elogio ou sugestão.

-----  
-----

Muito obrigado.

**Tabela 1: Você sabe...?**

	%		
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Não sabia totalmente/ Não respondeu</i>
<i>... O que é puberdade?</i>	26,5	49,3	24,3
<i>...Quais mudanças que ocorrem no corpo?</i>	11,8	66,9	21,4
<i>...O que é masturbação?</i>	61,8	22,1	16,2
<i>...O que é ereção?</i>	38,2	44,9	16,9
<i>...O que é orgasmo?</i>	35,3	30,1	34,5
<i>...O que é relação sexual?</i>	93,4	4,4	2,2

**Tabela 2: Iniciação sexual, prazer nas relações e o falar de sexo em relação ao gênero.**

<b>Gênero</b>	<b>Já teve relação sexual (%)</b>		<b>Prazer nas relações (%)</b>			<b>Fala de sexo (%)</b>	
	<i>Sim</i>	<i>Não</i>	<i>Sempre</i>	<i>Às vezes</i>	<i>Nunca</i>	<i>Sim</i>	<i>Não</i>
<b>Masculino</b>	8,08	43,31	36,36	31,81	4,54	28,67	22,05
<b>Feminino</b>	2,94	41,91	9,09	13,63	4,54	28,67	16,17

**Tabela 3: Menarca e semenarca relacionadas à idade.**

<b>Idade</b>	<b>Menarca</b>		<b>Semenarca</b>	
	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>	<i>Sim (%)</i>	<i>Não (%)</i>
<b>11</b>	1,5	13,8	1,58	25,32
<b>12</b>	13,8	7,61	9,58	3,16
<b>13</b>	24,6	3,07	17,38	6,32
<b>14</b>	26,1	3,07	17,38	7,9
<b>15</b>	3,07	1,53	6,34	1,58
<b>16</b>	3,07	0	3,16	0
<b>17</b>	1,53	0	0	0